

A SENTINELA DA LIBERDADE

A SENTINELA DA LIBERDADE. MARANHÃO, TYP. DE R.A.R. DE ARAUJO,
1849.

15 ABR. 1849 - N. 2

OBSERVAÇÕES:

- O ORIGINAL APRESENTA PÁGINAS MUTILADAS, MANCHADAS E/OU
ILEGÍVEIS.

FALTA:

- N. 1 (1849)

1 8 4 9

ABRIL = N. 2

Custa

40 rs.



A SENTINELLA DA LIBERDADE.

MARANHAÕ.

Os amigos da revolta de Pernambuco, a despeito dos assignalados triumphos que tem obtido as armas legaes, e de achar se aquella Provincia quase que em seu estado normal, não cessão de concitar as massas para o sangue e fortuna alheia, querendo assim pôr em risco a estabilidade do socego publico: e se se lhes perguntar qual o motivo que para isso tem, elles por certo que o não darão, a não ser o do feroz cannibalismo, a que tanto tendem estes nossos communistas, liberaes de nova estofa, com a mira em os bons alheios; e se outro motivo tem, elles o não patenteão, ou por medo, ou por vergonha — tal é

a causa, e o nacionalismo d'aquelles que coragem não tem para descobrirem ao paiz suas intenções, que dizem *verdadeiramente patrioticas e philanthropicas!*... Seria acaso o massacre dos marinheiros (como elles chamão aos Portuguezes) essa causa que tanta agoa lhes dá pela barba? O' que sagrada causa! ó que patriotismo!... seja potem qual ella for, deve ser patenteada ao paiz; a grande maioria da Nação não deve ignoral-a; desembuxem-se pois, meos Srs., e vamos á uma discussão verdadeira, franca e leal.

Dizeis em vossos jornacs que o Fundador do Império, o Immortal Sr. DOM PEDRO I., nos deu uma Constituição Liberal, que sabiamente mostra os direitos dos

vidadões —, e que inimigas do Brasil a querem suadamente derribar — se isto dizem, para que levantas armas fratercidas, e com ella apunhalaes, tão cobarde quanto ignominiosamente esta mesma Constituição querendo derogal-a, ou additalhe artigos sonhados pela escandecida imaginação de um perdido Borges da Fonceca, e de outros demagogos?

Por tantas contradicções mostra-se, que os liberaes do punhal nenhum fim politico tem que os guie, e que os interesses do Povo nenhum cuidado lhes dão; por isso concluimos que nenhum sentimento de patriotismo anima essas almas damnadas, que tão prodigas são do sangue de seus compatriotas, e que tão astutos são em concital-os á revolta.

Que terrivel cegueira é a da ambição e do mando! Quanto pode a ambição do ouro e das dignidades mal merecidas! Supondes, homens perdidos, que conquistareis a estima verdadeira e preciosa da maioria da heroica Nação Brasileira, mergulhando vossas mãos no sangue dos innocentes? Ah! quanto vos enganaes!!!

MORREU O NEVES.

Este dicto de *morreu o Neves* é empregado toda a vez que se dá uma novidade já sabida, ou se diz couza já relatada, quer verdadeira, quer falsa — Os *Luzeiros* Bacangueiros á mingoa de factos, com que possam fazer carga aos Portuguezes, que vivem entre nós, deraõ agora no bom *hamoeopatismo* de teimarem — que o Marquez de Pombal é nascido no Brazil (ora no Pará e ora em Pernambuco), — que a Nação Portugueza era outr'ora uma recua de escravos, que levavão *chicote e vergalho* — que os *marinheiros* são negros, bodes, cabras etc. — E tanto se agarrarão á esta ostra, que quem lê um n.º dos seus periodicos tem lido todos os publicados, e os por publicar. E porque seja de mister que elles inventem alguma novidade, aconselhamo-los que imprimão suas gazetinhas em papel verde e amarello, por que pode acontecer que essa bicolor lhes traga algum interesse, que seus artigos por certo lhes não dão. A proposito — já houve mania dos partidos se extremarem por um qualquer destincti-

vo, por isso conviria muito aos taes liberaes que algum trouxessem, não só para assim mostrarem o seu *Brazileirismo*, como para que o publico melhor os pudesse conhecer; se bem que o patriotismo de tal cafla bem descripto se acha em um n.º do Periodico, PEDRO II., do Cea. rá, em o seguinte —

Soneto.

Ah! Patria minha, que fatal destino
Falsos, ingratos filhos te praparão!
Affectão de te amar, mas nunca amarão;
Da Patria o nome não é d'elles digno.

Paixões infames, eis o Ser Divino,
A quem seus negros cultos tributaraõ:
Teu seio maternal despedaçarão,
Teu seio d'um tal tratamento indigno.

Das nações reduzir-te à vil escoria,
Roubar-te a paz, levar-te ao barbarismo,
E ver correr teu sangue tem por gloria:

Conduzir-te de abismo a outro abismo,
Deixar teu nome nos annaes da Historia,
Eis aqui o que aclamão patriotismo.

CONVERSA.

A dias foi escutada a seguinte conversa, ahi por junto da rua grande: erão, a principio, interlocutores um gordo Doutor, e um magro Alfaiate.

Dr. — Boas tardes, meu amigo! Como vamos de fortuna?

Alfaiate. — Muito mal; a

rapasiada ja me está deixando arrefecer o ferro, e não posso por isso bem sentar as costuras da Liberdade.

Dr. — Isso é máo, mormente agora que a couza está breve a arrobentar com aquelle art. de fundo que fiz, no qual provo, que os marinheiros são negros, e...

Alf. — Tudo isso é muito bom; porem é que a rapa-

siada pede-me a ferial da Semana, e eu não tenho com que pagar-lhe; e isto quando os malditos dos cachorrões dos marinheiros já se não querem fiar de mim, esses bodes, filhos de negros! Ora além d'isso tinha ahí umas continhas a receber, porem qual: aqui o vizinho, diz que me não pode pagar o facto porque quase nenhuma das gazetas se vendem—todas vão patrioticamente:—este me diz isto, aquelle aquillo outro, e veja, Dr., em que tallas estou! Até vosse, Dr., ficou de arranjar-me alguma couzinha por conta, mas...

Dr. — Fique certo, meu amigo, que a liberdade nunca teve uma tão avantajada victoria, como as que terá no presente anno, e então os marinheiros, e os Corcudas hão de nos pagar quantos insultos nos tem feito, e...

Alf. — Mas, Dr., então não me póde arranjar alguma cousa, ou...

Dr. — Já tenho copiado o art. 9.º daquelle Pragmatica que lhe dice, hei de

confundi-los, e...

Alf. — Ao menos a importancia para dar, como lhe dice, ao official; por que o mais f...

Dr. — Ignorantões!! Não sabem ao menos d'onde procedem!! heide pizal-os, escoceal-os, e...

Alf. Mas diga-me, ao menos amanhã poderão contar com alguma cou...

Dr. Birbantes! não respeitarem ao menos o paiz que os hospeda! não obedecerem á nossa vontade; deixarem que eu e Vmc. tenhamos privações! Corja infame! Ah! sô mestre, estou enfurecido, logo volto... E foi se.

Fica o pobre do Alfaiate, sem ao menos com o—direito—de pedir o que lhe devem! E viva a liberdade do communismo!!

N'este interim chega o vizinho, conta-lhe o Alfaiate a historia, e quando a vai dirigindo, para tambem á este devedor pedir alguma couza por conta, elle o interrompe, e diz:

Vizinho. Vmc. está no seo—direito—pois que assim o entendo; porem permitta-me licença que vou ás provas. E foi se!

Ficou o Alfaiate em branco com o seo direito, e pagando as favas.